
OS EPITÁFIOS PORTUGUESES COMO EXERCÍCIO DE MEMÓRIA⁶⁰

Eronildes Teixeira Amaral
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho visa a compreender como os epitáfios portugueses produzidos do século XIV ao século XVI, principalmente os do poeta Pêro de Andrade Caminha, funcionam como exercício de memória, atualizado por meio de *loci* próprios do gênero demonstrativo, que instituem o louvor de varões ilustres. Para tanto, analisar-se-á sistematicamente a presença de lugares-comuns comemorativos de defuntos ilustres por meio da aplicação de procedimentos elocutivos, verificando, assim, as características comuns ou distintas desses poemas fúnebres que, em sua maioria, comemoram epiditicamente os feitos e virtudes da nobreza e do clero.

PALAVRAS-CHAVE: Epitáfio-Memória-Retórica

INTRODUÇÃO

No presente artigo, discute-se a relação entre epitáfio e memória a partir dos preceitos que regem essa produção poética, como aqueles pertencentes ao gênero demonstrativo ou os que regulam a produção de poemas fúnebres, já que “a oração fúnebre é aquela, que se costuma

⁶⁰ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa Memória e práticas letradas no império português: séculos XV-XIX, coordenado pelo professor Dr. Marcello Moreira.

* Aluna regularmente matriculada no PPG em Memória: linguagem e sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Vitória da Conquista, e-mail: nony6000@gmail.com.

**Professor Dr. Marcello Moreira, Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) – UESB e do Mestrado em Memória: linguagem e sociedade, e-mail: moreira.marcello@gmail.com.

tecer em louvor de homem defunto” (ALCAÇAR, p.64). Esses poemas apresentam como característica comum o louvor de varões ilustres quando de sua morte. A presente proposta objetiva entre outras coisas demonstrar como os epitáfios, gênero demonstrativo por excelência, comemoram o defunto por meio de *loci* próprios da poesia moral e da oração fúnebre.

“O caráter imperecedouro da poesia e a associação entre reis e poetas são narrados em quase todas as poéticas e retóricas quinhentistas” (MOREIRA, 2005, p.104). Assim, compreender o tratamento do epitáfio como um meio de comemoração dos feitos dos nobres pressupõe a apreensão da ligação entre monumento e escritura que se faz presente desde os registros epigráficos antigos.

Ademais, a ideia de poesia enquanto *monumentum* não se dissocia da de memória, visto que o escrito poético, de caráter laudatório, pereniza os feitos obrados e as virtudes dos que fazem jus ao louvor. A função referida da poesia reporta-nos ao motivo que impulsionou os gregos a se apropriarem da escrita fenícia, pois perceberam que assim como “as inscrições funerárias, que garantiam uma nova forma de posteridade ao morto” [...], a escrita teria a função de não apenas “proteger a tradição épica [...], mas, sim, a de contribuir para a produção de som, de palavras eficazes, de glória retumbante (SVENBRO, p. 42). A escrita é, então, um instrumento que possibilita o que Ariés intitula de “glória durável”, pois o que substancializa a oração “vive sempre em toda parte” (ARIÉS, 1981, p. 226), do epitáfio de São Gregório, o Grande, é justamente o caráter permanente e duradouro da inscrição, que, ao ser lida, atualiza a memória do eclesiástico, fazendo com que sua glória seja permanente tanto quanto a escrita o é

O efeito de memória do epitáfio gravado sobre a pedra não é tão dispar em relação ao que é escrito no papel, pois, como bem assinou Prats: “el bronce y la piedra no se limitan a mostrar el texto, sino permiten su conservación, su inmortalización incluso” (WILLIAMSOM, 1987 *apud* PRATS, 2002, p. 17).

MATERIAL E MÉTODOS

O procedimento metodológico adotado consiste na análise dos epitáfios de Pêro de Andrade Caminha e de outros poetas portugueses, nos quais já é possível notar a recorrência de lugares-comuns do gênero epidítico, o que nos leva a descartar a leitura dos poemas como manifestação subjetiva do luto, detendo-nos, por conseguinte, nos efeitos patéticos produzidos. Para descrever esses poemas e expor a respeito da temática que neles se apresenta, parte-se aqui de pesquisas teóricas sobre epigrafia desenvolvidas por Inés Sastre Prats, estudos sobre o comportamento humano diante da morte proposto por Philippe Ariès e Ana Isabel Buescu, sobre a poesia e sua ligação com a ideia de memória e monumento, esquematizados por Achcar, Ricoeur e Moreira, de fontes primárias, preceptivas retóricas compostas tanto entre os antigos quanto nos séculos do que se convencionou chamar Idade Moderna: Cícero, contando entre os primeiros, e Bartolomeu Alçaçar, como representante dos modernos, entre outros.

Uma obra relevante para o estudo dos epitáfios portugueses é *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, de Mario Martins, o qual reuniu uma quantidade considerável de epitáfios portugueses, de diferentes séculos: do IX ao XVIII. Embora muitos dos epitáfios antigos tenham sido produzidos para serem dispostos em lápides, Martins assevera que uma parte considerável dos epitáfios portugueses teve outra função, posto que “formavam um gênero literário sem valor prático nos cemitérios, à maneira do teatro para ser lido e não para ser representado” (MARTINS, 1969, p. 109). Outro livro essencial nesse estudo é aquele que reúne a vasta obra de Caminha, intitulado *Visões de Glória (Uma Introdução á Poesia de Pêro de Andrade Caminha)*, publicado em 1998, pela estudiosa Vanda Anastácio, em dois volumes, um contendo um estudo sobre os distintos gêneros e outro com o conjunto de poemas por Caminha produzidos.

Além disso, trataremos sobre a relação entre os preceitos retórico-poéticos que regem a produção do epitáfio e o sistema teológico-político vigente no período em que são empregados. Vale lembrar, também, a ligação entre o poder régio e o poder divino, que, consoante Buescu, causou por muito tempo algumas querelas, porque “nos casos em que subsiste a ‘errância’ nos lugares de enterramento régio, as ordens monásticas rivalizem na ‘competição pelo corpo político’ empenhadas em assegurar para afirmação da sua própria memória e poder aquele decisivo capital simbólico” (BUESCU, 2000, p. 91).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de quatro epitáfios permite-nos ponderar os lugares-comuns recorrentes na maioria dos epitáfios portugueses produzidos entre os séculos XIII e XVI. Primeiro abordaremos os epitáfios, ou parte deles, para, ulteriormente, descrever algumas informações sobre os mesmos. O primeiro deles é elencado por Martins e fora destinado à D. Constança Sanches, filha ilegítima do rei D. Sancho I, a qual faleceu em 1269. Do seu epitáfio, na versão traduzida do latim para o português por Martins, pode se expor as seguintes palavras:

“Constância, constante esposa de Deus, [...]. Gerou-a o rei de Portugal Sancho I, criou-se entre louvores sem conto. Fugiu do mundo, em troca da alegria da verdadeira luz, e enclausurou-se neste Mosteiro da Cruz [...]. E, o que mais é, a ele se entregou pela morte. Acompanhando por S. Antônio, S. Francisco vem fortificá-la na fé, dizendo-lhe com os piedosos lábios: Não temas e fica sabendo que a Rainha do Céu te levará para os tronos do paraíso e para o coro das virgens” (MARTINS, 1969, p. 101-102).

Este epitáfio deve ter sido feito com a intenção de se o dispor em uma lápide, já que faz alusão ao nome do defunto e ao Mosteiro onde Constância foi acolhida e onde, provavelmente, deve ter sido sepultada.

O poema expõe de forma breve as características dela, ressaltando seu parentesco com o rei Sancho I e sua dedicação à vida religiosa. Já o epitáfio de D. Afonso de Portugal, falecido em 1207, não visa à composição de elogios a D. Afonso, mas a suscitar uma reflexão por parte dos vivos que ficam, na medida em que a mensagem dirige-se a um passante que deve ler e lembrar-se que a morte é o seu destino, e, rezar pelo morto, como está exposto no poema traduzido por Mario Martins, e que, assim, se compõe: “Quem quer que sejas tu, sujeito à morte, lê e chora. Sou o que tu serás, já fui o que tu és. Peço-te que rezes por mim!” (MARTINS, 1969, p. 97).

Entre os epitáfios meramente literários está o leteiro que conta a desventura de D. Antônio, Prior de Crato. Martins (1969) o apresenta na sua versão em português, e abordaremos apenas o último verso do mesmo:

Aqui descansa a memória,
Os ossos e a terra pobre;
Mas a alma, que he mais nobre,
Tem seu descanso na glória”

Outros epitáfios que, provavelmente, não se destinaram à disposição na lápide foram os de Pêro de Andrade Caminha, entre os quais está o seguinte, exposto por Anastácio em sua obra:

A El Rei Dom Manuel

Esta pequena pedra encobre e encerra
O grão Rei MANOEL amor do povo.
Que dilatou seu nome em toda terra,
E descobriu ò mundo um mundo novo.
Felice em paz, sempre Felice em guerra
Que nunca a seu intento achou estorvo.
Governou santamente no Ocidente
Donde venceu, e deu leis ò Oriente.

Nota-se que os epitáfios, sejam para serem gravados na lápide ou não, são composições geralmente curtas, que se associam à

homenagem prestada aos mortos, e, desde a Antiguidade, as mesmas assumem características distintas, por isso, como argumentou Anastácio, “sob a mesma designação agrupam-se, por exemplo, realidades tão díspares como a inscrição tumular ou o elogio fúnebre” (ANASTÁCIO, 1998, p. 207). Assim, o emprego formal dessa poesia apresenta variações no número de versos e na maneira com que trata da morte de ilustres, alguns epitáfios assemelham-se ao primeiro exposto, tecendo elogios, destacando as virtudes cristãs, outros, ao segundo, que visa a lembrar os vivos da sua vulnerável condição e, ao mesmo tempo, solicita orações. Já outros, como o terceiro, por exemplo, acentuam o descanso da memória de um nobre, no caso apresentado, o rei luso, e de sua alma na glória, e ainda há aqueles, como o último, por exemplo, que, além de tratar da exiguidade da pedra em relação ao “grão Rei”, expõe as *res gestae* (coisas feitas) nas quais o nobre mais sobressaiu. Assim, nessa poesia, há referência à fidalguia, feitos de guerra, e, muitos dos epitáfios falam pouco da morte, pois celebram muito mais a santidade, as virtudes humanas e os feitos gloriosos dignos de memória.

Portanto, apesar de encontramos as distinções supracitadas, é perceptível, na maioria dos epitáfios laudatórios, o objetivo de comemorar as ações virtuosas, possibilitando a memorização de homens e suas ações.

Um conceito importante para entender essa ligação entre morte e memória é a ideia romana de túmulo enquanto *monumentum* e memorial, sendo aquele “um monumento qualquer em pedra e bronze, uma obra literária, em prosa ou em verso, na materialidade de sua redação escrita” (ACHCAR, 1994, p.163), visto que a sobrevivência do morto [...] “dependia também do renome que era mantido na terra, fosse pelo túmulo com os seus *signa*, e suas inscrições, fosse pelo elogio dos escrivães” (ARIES, 1981, p. 218). Figura-se, então, uma relação entre poesia e memória desde os antigos.

CONCLUSÕES

Nota-se, nos epitáfios, que a descrição dos ilustres é empreendida a partir do emprego de lugares-comuns relacionados ao gênero epítitico, visto que o elogio, conforme Cícero, pode ser direcionado às coisas externas, ao corpo e ao ânimo. Assim, verifica-se uma série de classificações das virtudes que devem ser sequenciadas de modo a tornar digna a memória do morto. Esse objetivo liga a função da poesia ao conhecido preceito horaciano *exegi monumentum aere perenius*. Assim, os epitáfios, dispostos em lápides ou não, são enunciados que visam a tornar pública a lembrança do defunto, amenizando os efeitos destrutivos do tempo, constituindo, então, um *monumentum* que perpetua a memória ilustre, celebrando os feitos das *personae* nobres, além de promover, concomitantemente, a memória do artífice, que a presentifica em seus escritos, ao autorizar-se, para além daquela do comitente ou do comemorado, no poema.

REFERÊNCIAS

ALCAÇAR, Bartholomeu. “Das espécies, Invençam e Disposiçam das Oraçens, que pertencem ao Gênero Exornativo”. Do Padre Bartholomeu Alcaçar da Companhia de Jesus no seu Trat. De Rethorica. In: **Delicioso Jardim da Rethorica, Tripartido em Elegantes Estâncias, e adornado de Toda a casta de Flores da Eloquência, ao qual se juntam os opúsculos de Modo de Compor, e Amplificar as Sentenças, e da Airosa Colocaçam, e Estrutura das Partes da Oraçam.** Segunda edição, mas correctae augmentada ultimamente

com o Opúsculo Das espécies, Invençam e Disposiçam das Oracens, que Pertencem ao Gênero Exornativo. Lisboa. Na Officina de Manuel Coelho Amado, na Rua das esteiras e à sua custa impresso. M.CC.L. pp. 42-74.

ANASTÁCIO, Vanda M^a Coutinho Garrido. **Visões de Glória.** (Uma Introdução à Poesia de Pero Andrade Caminha). Porto: Calouste Gulbenkian, 1998.

ARIÈS, Philippe. **O Homem diante da Morte.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum:** alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo:EDUSP,1994.

BUESCU, Ana Isabel. **Memória e Poder** (Ensaio de História Cultural-séculos XV-XVIII). Lisboa: Edições Cosmos:, 2000, p.85-96.

MOREIRA, Marcello. As armas e os barões assinalados: Poesia Laudatória e Política em Camões. In: **Revista Camoniana.** 3^a série – Vol. 17 – Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005, p. 77-104.

MARTINS, M. S. J. **Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte.** Braga: Livraria Cruz (Faculdade de Filosofia de Braga), 1969.

PRATS, Inés Sastre. Epigrafía y Formaciones Sociales en el Noroeste Romano. In:___ **Onomástica Y Relaciones Políticas en la Epigrafía del Conventus Asturum Durante el Alto Imperio.** Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Historia. Departamento de Historia Antigua y Arqueología. Madrid, 2002, p. 15-47

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

SVENBRO, Jesper. A Grécia arcaica e clássica: A invenção da leitura silenciosa. In: **História da Leitura no Mundo Ocidental.** v. I, São Paulo: Editora Ática, 1998.